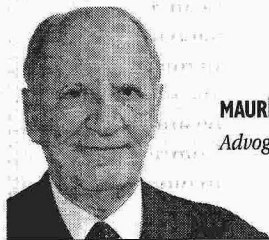


Minutos que salvaram Brasília

CORREIO BRASILEIRO

22 ABR 2007



MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Brasília é hoje uma cidade plenamente consolidada. Para chegar a esse estágio, muitos obstáculos tiveram que ser superados. As gerações mais novas não conviveram com o clima de hostilidade dos opositores à época da transferência da capital. As manifestações contrárias não se limitaram à fase de construção da cidade. Perduraram por mais longo tempo, estendendo-se para bem além do dia da inauguração. A recalcitrância incluía bolsões dentro do próprio governo. Incentivos tiveram que ser dados aos servidores federais lotados no Rio de Janeiro para que pudessem se mudar para a nova capital.

Assim é que as autoridades, visando estimular a concordância para que viessem para Brasília, asseguraram-lhes direito à moradia. Mais. Concederam-lhes abono compensatório correspondente à metade dos vencimentos que percebiam. Essa ajuda, por sua natureza, era conhecida popularmente como dobradinha. Encerrada a fase de entusiasmo e dinamismo que empolgou o governo de JK, iniciou-se período de letargia, que caracterizou o mandato de poucos meses de Jânio Quadros. A única obra que encomendou a Niemeyer para Brasília, e a concluiu, foi o Pombal — aquela estrutura de concreto situada na Praça dos Três Poderes, que guarda semelhança com um pregador de roupas.

Oscar Niemeyer já havia planejado projetos de obras públicas para Juscelino, quando prefeito de Belo Horizonte e, posteriormente, quando governador de Minas. É de sua lavra, por exemplo, o projeto da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, marco da arquitetura moderna nacional. Como presidente da República, não poderia ser diferente. Solicitou-lhe que tratasse de armar os cavaletes e começasse a fazer as plantas para a construção de Brasília. A partir daí, foi dado início às obras.

Como Niemeyer não quisesse elaborar o planejamento arquitetônico da nova capital — diga-se Plano Piloto —, constituiu-se uma comissão de urbanistas da mais alta qualificação para proceder à escolha do projeto que, em seguida, daria forma à cidade. A partir dessa decisão, uma banca de especialistas foi instalada, composta de arquitetos, urbanistas e críticos de arte de nomeada internacional. Lucio Costa, filho de pais baiano e amazonense, nascido em Toulon, na França, que viera para o Brasil aos 14 anos de idade, já consagrado arquiteto, embevecido com a idéia da construção da nova capital, apresentou proposta.

O esboço entregue, entre 25 outros concorrentes, era simples. Baseava-se primariamente num ponto que reunia o encontro de dois eixos. Apresentado em toscos traços à tinta

nanquim e riscos soltos com lápis a cor, distinguia-se dos demais, que vieram acompanhados de slides, plantas bem confeccionadas e sofisticadas maquetes. No memorial descritivo, datilografado, já no preâmbulo, Lucio Costa pedia desculpa pela apresentação sumária do trabalho.

Ao afirmar que não pretendia competir, aduziu que apenas desejava se desvencilhar “de uma solução possível, que não foi procurada, mas que surgiu, por assim dizer, já pronta”. Completava a seguir, dizendo que seu raciocínio era “simplório” porque, se a proposta é válida, embora resumida, foi ela bem resolvida. Se não acatada, acrescentou, “não terei perdido meu tempo nem tomado o tempo de ninguém”. E ponderava que a sugestão é “acolhedora e íntima, concisa, bucólica, urbana, lírica e funcional”. Os automóveis trafegarão sem cruzamentos “e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre”.

O famoso arquiteto, precocemente viúvo, que perdera a mulher quando na direção de um velho carro, se culpava pelo trágico acidente — que carregou pelo resto da vida —, na verdade, produto de triste fatalidade. Ao assumir tão grave e histórico encargo, ostentava no currículo haver sido diretor da Escola Nacional de Belas Artes e ter dirigido a construção do

Ministério da Educação e Saúde, no Rio. Certa vez, em tempo de fastio, afastou-se das atividades que na ocasião desempenhava. Aproveitou o tempo ocioso para estudar tudo que havia sobre arquitetura. Assim, concluiu que os arquitetos se fazem em tempos de sucesso. “Eu”, completou, “formei-me no fracasso”.

Brasília está comemorando 47 anos de existência. A extraordinária personalidade de Lucio Costa merece ser reverenciada por todos. Inteligente, arguto, erudito, viveu modesta e dignamente. Não amealhou fortuna. Vivia de pequena aposentadoria. A espinha dorsal do projeto urbanístico criado para Brasília centrou-se no homem. A ele reservou a liberdade dos grandes e amplos espaços da cidade.

Era o dia 11 de março de 1957, termo final para a entrega da proposta. Um Citroën encosta na entrada do Ministério da Educação. Lucio Costa, ansioso, aguarda no veículo. Sua filha sai correndo em direção ao protocolo. Entrega os documentos. Olha para o relógio. Faltavam exatos 10 minutos para o encerramento do prazo. Retorna pouco depois, cansada e trêmula.

Afinal, que benditos minutos. Se no percurso um pneu houvesse furado ou se o tráfego se tivesse engarrafado, adeus, Brasília não teria sido a mesma.

